

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DE VIRADOURO

Pr. José Antônio Corrêa

A VIDA CRISTÃ PRÁTICA

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

A VIDA CRISTÃ PRÁTICA

Lição 01 - PROCURANDO SUSTENTABILIDADE

Hebreus 1.1,2; 2 Pedro 1.16-21

INTRODUÇÃO: A Igreja precisa exercitar a unidade, porque é um só corpo. Portanto, precisa viver como tal. Todas as lições estarão contribuindo para que isto aconteça. As duas primeiras lições pretendem mostrar que a Palavra de Deus e o Espírito Santo são os dois elementos principais, responsáveis por esta unidade entre os cristãos. Hoje veremos que a sustentabilidade da Igreja nas suas práticas, se firma na Pessoa de Cristo e na Palavra de Deus:

I - A SUSTENTABILIDADE DA IGREJA ESTÁ NA PESSOA DE CRISTO - (Hebreus 1.1,2; 2 Pedro 1.16-18)

Cristo é "a cabeça do corpo da igreja" (Cl 1.18), e nós os "seus membros em particular" (1Co 12.27). Assim sendo o cérebro comanda o corpo, Cristo é o excelso comandante da Igreja. Portanto, a falta de unidade, as "guerras e pelejas", as divisões e todos os males que contrapõem o propósito de Deus (Rm 8.29) e que atrapalham o progresso do Seu Reino (Mt 6.33), estão diametralmente opostas à Sua soberania. Isso pode ser corrigido, se atentarmos para o seguinte:

1. Nele converge toda mensagem divina - "Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho" (Hb 1.1). É perceptível que, de modo geral, as igrejas têm se desviado das prioridades do Reino de Deus. Uma explicação lógica para isso é o fato de lermos e ensinarmos a Bíblia, sem a verdadeira pretensão de praticá-la. Antigamente Deus falou muitas vezes, de muitas maneiras, mas hoje fala pelo Filho, portanto não temos muitas mensagens e nem muitas formas de ir a Deus. Se todos os cristãos seguissem esta norma, haveria unidade em todos os empreendimentos. Podemos, então, deduzir que a falta de unidade tem a ver com "*muitas mensagens*", "*muitas formas*", "*muitas ideias*", "*muitas invenções*". Mas Deus só fala por meio de Jesus Cristo, portanto: "**escutai-o**" (Mt 17.5).

2. Nele se desfaz todo artifício humano - "Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade" (2Pe 1.16). A igreja, no primeiro século, já enfrentava problemas semelhantes aos que enfrenta hoje. Os gnósticos e os judaizantes foram os responsáveis pela infiltração de heresias que enfraqueciam os cristãos. Atualmente, acrescenta-se o humanismo. O apóstolo Pedro nos adverte que o servo de Deus não segue "fábulas artificialmente compostas", antes afirma que: "ouvimos esta voz dirigida do céu, estando nós com ele no monte santo" (v 18). É apropriado, neste momento, indagar: Onde estamos e de onde vem a voz que nos manda fazer o que estamos fazendo na Casa de Deus?

3. Nele está todo o prazer do Pai - (2Pe 1.17). Quando o "*querubim*" caiu, trouxe consigo um veneno chamado orgulho. Algumas vezes, sentimos que esta "*serpente*" permeia entre o povo de Deus. Seu achocalhar é ouvido em muitas coisas que fazemos com aparência de piedade, dizendo pretensiosamente que é para Deus. Se fosse mesmo, estariam dentro destes termos: "porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido". Como podemos sustentar o cumprimento deste texto em nossa vida, recebendo honra e aplausos uns dos outros? (Jo 5.44).

II - A SUSTENTABILIDADE DA IGREJA ESTÁ NA PALAVRA DE DEUS - (2 Pedro 1.19-21)

A Palavra de Deus é o manual dos cristãos. Da mesma maneira como Moisés foi advertido para fazer conforme o modelo celestial que lhe foi mostrado no monte (Êx 25.40), assim devemos viver um cristianismo celestial, conforme mostrado nas Escrituras, por isso o que passa disto é cópia de "*damasco*" (2Rs 16.10-12). As três revelações do nosso texto básico, a seguir, poderão nos ajudar a sustentar a nossa vida com Deus, de forma adequada:

1. Ela tem uma única missão - "E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração" (v 19). A Palavra de Deus tem um único objetivo: "alumiar em lugar escuro". Não há pecado algum para o cristão que tira tempo para divertir-se, pois as lutas diárias nos

obriga a descansar e relaxar periodicamente, mas se torna em pecado quando transformamos a obra de Deus em entretenimento, pois estamos lidando com almas preciosas que carecem de salvação e, que inclusive, como vimos em lições passadas, a salvação precisa ser desenvolvida, logo não podemos perder um ano inteiro com "*muitas coisas*", em detrimento de um congresso, ou culto de fim de ano. Todas as atividades da igreja precisam estar radicalmente dentro dos propósitos de Deus ensinados nas Escrituras.

2. Ela possui uma única interpretação - "sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação" (v 20). Outro fator importante na unidade da igreja está na interpretação das Escrituras, pois toda divisão e desvio doutrinário relacionam-se diretamente com a forma equivocada de interpretar a Palavra de Deus. Os apóstolos estiveram cerca de três anos e meio aos pés do Mestre dos mestres, mas depois da ressurreição o Senhor lhes apareceu e "abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras" (Lc 24.45). O que estaria dizendo o texto: "nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação"? Que a Bíblia não pode ser interpretada para satisfazer nossos desejos egoístas. Se seguirmos a mesma interpretação, certamente caminharemos juntos, em pleno acordo (Am 3.3).

3. Ela tem origem em uma única fonte - "porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (v 21). As Escrituras foram originadas em Deus e inspiradas em "homens santos" pelo Espírito Santo. Esta fonte que sai de Deus deverá nos levar a Ele. Quando produzimos sincretismos religiosos, em nome de "estratégias" evangelísticas, ou para tornar o culto mais agradável, ou mesmo para "prender" o crente na denominação, estamos buscando orientação em outra fonte, conseqüentemente teremos disparidades no seio da igreja (1Co 3.3; Tg 4.1).

CONCLUSÃO: A Palavra de Deus é um manual excepcional para a caminhada dos cristãos. Por ela, podemos seguir na mesma direção, desfazendo cismas, andando em unidade. Deus antigamente falou, continua falando, nestes últimos tempos, por meio de Seu Filho Jesus Cristo. Se a igreja atentar bem para este fato, sanaremos todos os males que permeiam a igreja contemporânea.

Lição 02 -ANDANDO SEGUNDO O ESPÍRITO SANTO **Gálatas 5.16-26**

INTRODUÇÃO: Nesta lição, Paulo nos ensina o adágio da prática da vida cristã: "Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne." (v. 16). Embora seja uma verdade tão absoluta e simples, manifesta uma das mais turbulentas guerras travadas por todo cristão: a luta entre a carne e o espírito. Não obstante aos sofrimentos humanos, Cristo deixou-nos o Espírito Santo, nosso guia e consolador, para alcançarmos a vitória. Vejamos, então, contra o quê devemos lutar e quais os benefícios quando andamos segundo o Espírito Santo nesta guerra:

I - GUERREAMOS CONTRA A CARNE

"Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis." (v. 17) - Um dos temas principais desta carta de Paulo é a liberdade em Cristo, pois os irmãos da Galácia estavam sendo constrangidos a se colocarem novamente sob o jugo da lei (Gl 5.1-10). Em contrapartida, muitos cristãos hoje abusam dessa liberdade garantida por Cristo, deixando de andar conforme o Espírito Santo e, desta forma, resistindo em lutar:

1. Contra a própria natureza - "Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne." (v. 16) - A liberdade em Cristo, defendida por Paulo, não significa que somos livres para pecar, mas que não somos mais escravos do pecado, ou dominados pela nossa própria natureza carnal - que representa um dos oponentes mais ferozes e que nos distanciam de Deus (Rm 8.6-8). É essa natureza que faz o cristão andar somente conforme a sua própria vontade, enredando-o aos próprios embaraços e fazendo-o submergir no lago profundo do pecado e da dor. No entanto, quando o cristão reconhece suas fraquezas e busca auxílio do Espírito Santo, consegue alcançar a vitória para viver uma vida consagrada ao Senhor (Rm 6.11-18; 1Ts 5.21-23; 1Jo 1.8.9).

2. Contra as impurezas - "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia (...)" (v. 19) - Paulo nos dá uma lista das obras da carne das quais devemos fugir e,

embora a prostituição para alguns tenha maior peso, qualquer uma delas condenam o homem à morte eterna (Cl 3.5,6; Ef 5.3-5). A impureza, por exemplo, está associada a atos e/ou pensamentos em que o cristão se permite contaminar. A impureza nos separa de Deus, que é puro e santo (1Co 6.18-20; 1Pe 1.15,16). Essa luta se torna mais constante com o lixo da mídia, a qual a sociedade é obrigada a conviver diariamente. Somente quando nos permitimos caminhar sob a direção do Espírito Santo, podemos vencer essa guerra espiritual, pois só o Senhor é capaz de nos dar forças para resistir à influência do mal (1Co 10.13).

3. Contra a escravidão da Lei - "Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei." (v. 18) - Escravizados pela lei, os judaizantes da Galácia esqueceram o infinito amor do nosso Deus. Outras causas e ideais no decorrer da história também foram atribuídas ao Senhor e sacrificaram a muitos inocentes, como nas perseguições de Saulo (At 9.1-5), nas lutas no Oriente Médio, nas Cruzadas etc. De igual modo, em muitas igrejas, as ideologias, tradições e padrões humanos têm substituído o culto racional e devocional ao Senhor (Cl 2.20-23; 1Co 7.23; Mc 7.1-9). Entretanto, quando o Espírito Santo é o nosso guia, não corremos o menor risco de trilharmos o caminho errado, pois somente Ele nos revela a verdadeira vontade do Senhor, por meio da Sua Palavra (Jo 14.26; 1Co 2.10-13).

4. Contra as inimizades e porfias - "(...) idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias (...)" (v.20) - Por causa das inimizades e porfias, que são as intrigas e a busca pela superioridade, Paulo teve que reivindicar sua autoridade concedida pelo Senhor (2Co 10.7-13; 11.12-23), caso semelhante ao de Moisés (Nm 16.1-50). E, infelizmente, ainda hoje, vemos verdadeiros campos de batalha dentro da casa do Senhor, e muitos até divulgados na mídia, por causa dos mesmos pecados. Cristãos que, ao invés de se unirem para combater o inimigo, tentam difamar e denegrir a imagem uns dos outros, servindo de chacota para desonrar o nome de Cristo. Mas, a sabedoria e o domínio próprio, alcançados por aqueles que verdadeiramente andam segundo a vontade de Deus, são a fonte de um andar seguro sem se deixar corromper e assim ter uma vida cristã ilibada.

II - ALCANÇAMOS MATURIDADE CRISTÃ

"Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito." (v. 25) - Paulo reafirma aos gálatas que o mesmo Espírito que os regenerou também os faria crescer em sua vida cristã. A maturidade cristã é um dos benefícios de se andar sob a direção do Espírito Santo, vejamos então como isso é possível:

1. Vivendo em comunhão com Cristo - "E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências." (v. 24) - É óbvio que a luta entre a carne e o espírito se dará até o momento em que seremos arrebatados com o Senhor (1Co 15.50-53). A diferença daqueles que são de Cristo e crucificaram suas paixões e concupiscências em Seu sacrifício é um viver cheio do Espírito Santo, em plena comunhão com Deus, vivendo com alegria, paz e santidade, que são evidências reais de ter-se alcançado maturidade cristã: "Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna" (Rm 6.22).

2. Vivendo em comunhão com os irmãos - "Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros" (v. 26). Embora esta passagem pareça ter sido endereçada a ímpios, ela também foi dirigida aos servos em Gálatas. E, infelizmente, ainda vemos esses mesmos anseios fluindo dentro dos diversos setores da igreja, ou entre membros que se regozijam em irritar e provocar àqueles que sinceramente fazem a obra de Deus. São movidos pelos seus próprios sentimentos e ainda se acham guiados pelo Espírito Santo, provando com isso sua própria imaturidade (Ef 4.29-32; 1Jo 2.9-11), pois, quando alcançamos a maturidade cristã, vinda de uma vida constante na presença do Espírito Santo, a humildade, o altruísmo, o bom senso, a necessidade de ajuste e comunhão com os irmãos da fé é algo surpreendentemente natural em nossa vida cristã (1Jo 1.7).

3. Vivendo aptos para servir - "Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança." (v. 22) - Quão bom seria se todos os servos do Altíssimo se propusessem a buscar o fruto do Espírito, o qual representa a plenitude do Espírito Santo em nossas vidas e nos capacita, não somente para viver uma vida de comunhão com o Senhor, mas também para oferecer o melhor do nosso trabalho cristão: "Até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (Ef 4.13).

4. Vivendo em constante renovação - "Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito." (v. 25) - A constante renovação que o Senhor oferece àqueles que andam sob a direção do Espírito Santo é extraordinária. Basta analisar a vida dos apóstolos e de tantos outros mártires que sofreram, apanharam, foram ameaçados de morte, mas mesmo assim, não se deixaram abater e, renovados pelo Espírito, continuaram na presença de Deus (2Co 4.8-18). Afinal, andar no Espírito é uma escolha, mas ser renovado pelo Espírito Santo é uma dádiva que o Senhor concede a todos os que lhe são fiéis (Rm 8.26-28).

CONCLUSÃO: Viver cada dia sob a orientação e inspiração do Espírito Santo é um dos maiores desafios da nossa vida cristã. Por isso é necessário que o cristão seja realmente sincero a respeito da sua vida, conhecendo suas fraquezas e debilidades, buscando no Senhor a força para um andar confiante em Sua presença. Somente assim, estaremos prontos para alcançarmos maturidade cristã, vivendo em constante comunhão e renovação.

Lição 03 - VIVENDO EM UNIÃO **Salmos 133**

Ao analisarmos os benefícios da vida em união, mencionada no Salmo 133, é possível identificar suas verdades práticas, pois, quando Davi expõe o valor desse ato, ainda que de forma implícita, ele revela a ação divina em suas comparações após declarar: "Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!" (v. 1). Com esta insígnia, veremos nesta lição que a prática da vida cristã é a maior representação do senhorio divino sobre a vida do crente, porque, como sabemos, não existe cristianismo sem Cristo no comando. Portanto, se o governo é divino e não humano, a recomendação é para que vivamos em união.

I - PARA QUE O SENHORIO DIVINO SEJA CONFIRMADO

Em uma época em que a irreverência tem alcançado considerável espaço na obra de Deus, produzindo intrigas e pouco serviço, comprovasse que cada vez menos a aprovação divina tem sido buscada. Mas, os que vivem em união não apenas a buscam, como têm o senhorio divino confirmado em suas vidas.

1. Confirmado em santidade - Com intuito de ressaltar o valor da vida em união, o salmista a compara com o óleo precioso da unção (v. 2a). Para melhor entendermos esta comparação, é preciso observar as diretrizes correlatas (Êx 30.25-29, Lv 8.12), pois, se o óleo referido é símbolo de santidade, a vida em união não é diferente. O viver em união está tão vinculado à santificação que o escritor aos Hebreus declara: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). Por esta razão, se queremos que o Reino de Cristo seja manifesto em nosso meio, é indispensável que vivamos em união.

2. Confirmado no chamado - O chamado de Deus na vida do crente é a maior prova de que o Senhor o escolheu. A visibilidade desse chamado está nos atos de união do escolhido. É por isso que vemos a união sendo comparada da seguinte forma: "É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão" (v. 2b). Ainda hoje, os rixosos, por não terem chamado da parte de Deus, não apenas disseminam contendas, como são arredios à repreensão (Nm 16). E, por incrível que pareça, nem mesmo Judas, que a Bíblia o define como traidor, disseminava tanta contenda. Por esta razão, poucos têm confirmado o Senhorio de Cristo em suas vidas.

3. Confirmado no ministério - "É como o óleo (...) que desce à orla das suas vestes." (v. 2 c). A menção das vestes sacerdotais é uma referência à execução do ministério, motivo oficial da unção (Êx 30.30). E quando o óleo descia às ombreiras, passava pelas pedras onde foram gravados os nomes das doze tribos de Israel, outro símbolo de união (Êx 28.9-12). Diante do exposto, pode-se dizer que é inconcebível a ideia de um cristão consagrado que vive gerando confusão. Quando isso ocorre, é a evidência de que nem todos os que estão na ativa são detentores da aprovação divina (Mt 22.14), pois a função do servo é apregoar a paz, e não a dissensão.

II - PARA QUE O SENHORIO DIVINO SEJA MANIFESTO

Sempre haverá momentos em que um servo de Deus enfrentará o natural impacto da batalha (1Rs 19.1-4); porquanto, se nem mesmo Jesus esteve imune a isso, quem estará em nossos dias? No

entanto, é nessas horas que o viver em união será de primordial relevância para que o senhorio divino seja manifesto.

1. Manifesto por meio da revitalização mútua - Agora o salmista compara o viver em união com o "orvalho do Hermom, que desce sobre os montes de Sião." (v. 3a). Como se sabe, o orvalho é a umidade atmosférica que desce sobre o solo, principalmente durante a noite, e revitaliza a vegetação. Em outras palavras, é a unidade nos revigorando em momentos difíceis. Quando se chega a um determinado período da batalha, é comum o soldado se desvanecer; nessas horas, o auxílio de um revitalizará o abatido. É por esta razão que Paulo recomenda: "Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros" (Rm 14.19).

2. Manifesto por meio de bênçãos - O motivo da comparação feita no versículo 3 está nas palavras: "porque ali o SENHOR ordena a bênção" (v. 3b), pois, Sião é referenciado como fonte de bênçãos para o povo de Deus (Sl 20.2; 110.2; 128.5). Com esta declaração, o salmista está dizendo que o viver em união produz bênçãos entre os envolvidos. A igreja que vivencia a união sempre usufruirá das bênçãos do alto, porque se o seu efeito é estabelecido por um simples contato, o transbordar é inevitável. Assim sendo, se esse não tem sido o resultado atual, está na hora de repensarmos sobre que tipo de cristianismo estamos vivendo.

3. Manifesto por meio da salvação - É referindo-se ao viver em união, que o salmista pronuncia o seu efeito: "Porque ali o SENHOR ordena a bênção e a vida para sempre" (v. 3c). Deus sempre levantou mensageiros para proclamar a salvação eterna, concedendo-a também a estes, para viverem em união (veja Atos 9.1-15). O que vemos aqui é que, para a igreja cumprir a responsabilidade de proclamar a salvação, precisa estar unida, com todos os membros envolvidos no plano. Não com o intuito de que todos façam a mesma coisa, o que só traria confusão, pois a máxima da união é a junção das diferenças (1Co 14.26-33).

CONCLUSÃO: Sabemos que o reino de Deus não está limitado à ação humana que independente do que este faça, o reino divino será atuante. Mas o que ocorre é que nem sempre suas ações são vistas entre os que "*professam*" O Seu nome, pois, para que isso aconteça, é preciso que seus servos realmente vivam o que dizem crer. Tendo como base o que aqui foi exposto, fica o desafio de 1 Coríntios 1.10: "Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer".

Lição 04 -PROMOVENDO A IGUALDADE Atos 4.32-37

INTRODUÇÃO: Esta passagem corresponde aos primeiros eventos da História da Igreja em que todos se regozijavam pela presença de Deus, demonstrada pelo batismo no Espírito Santo, pelos poderosos discursos de Pedro, pela cura de um coxo e após a primeira prisão dos apóstolos (At 2-4). Vale ressaltar que os apóstolos e os primeiros cristãos aguardavam a volta iminente de Jesus Cristo, por isso nada mais neste mundo lhes faria desviar do desejo inicial da Igreja: reencontrar-se com o Senhor!

I - IGUALDADE PELA COMUNHÃO - (V 32)

Os judeus criam na separação da presença de Deus e do homem, como acontecia no véu entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos, no templo. Os novos convertidos, porém, sentiram o poder de Deus muito mais intimamente, devido à liberdade dada pelo Espírito Santo.

1. Comunhão com os irmãos: (v 32b) - O principal mandamento, deixado por Jesus foi: "amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, (...) e ao teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10.27). A Igreja deve viver este mandamento. Com uma história em comum, os discípulos não se separaram após a ascensão de Jesus, pelo contrário, tornaram-se cada vez mais íntimos e foram capazes de doar suas vidas pela causa do Evangelho. Os seus encontros com os fiéis foram marcados por demonstrações de amor e solidariedade quando, os que possuíam bens, abençoavam os irmãos mais necessitados (At 2.45- 47). Desta forma, os ricos assemelhavam-se aos pobres por intermédio do amor existente entre eles.

2. Comunhão com Deus: (v 32a) - A comunhão entre os irmãos, e sua busca por maior aprendizado sobre os mandamentos deixados por Jesus, aumentava ainda mais a sua comunhão com Deus. Ela era sentida por todos, por meio não apenas de palavras, mas principalmente pela incessante busca de intimidade com o Senhor. A Igreja primitiva aguardava unida e ansiosa a vinda de Jesus (Rm 8.22-25). Os cristãos se reuniam com o mesmo propósito, lembrando, a cada dia, o sacrifício e aguardando a Sua volta (Lc 12.35-37). Essas reuniões fortaleciam as almas convertidas, tornando-as iguais diante de Deus, devido ao desejo mútuo de encontrar-se com o Seu Salvador.

II - IGUALDADE PELA CONFIANÇA - (V 33-35)

Na Igreja atual, a maioria das pessoas se reúne apenas como uma obrigação social, ou só buscam a igreja num caso de extrema necessidade, o que é muito diferente do sentimento existente na época dos apóstolos. Observa-se em Atos 4.34, cristãos iguais e totalmente confiantes em Deus e nos homens que Ele escolhera para levar a sua mensagem de salvação.

1. Confiança na cooperação da igreja: (v 33b e 34) – O dicionário Bíblico de Ítalo F. Brevi, traz um significado à palavra graça: "A graça supõe também a nossa cooperação" (2Cor 6,1; 1Tm 4,14; Hb 13,9). Aparentemente, este era o sentimento de todos os irmãos da época, a cooperação com a obra de Deus levando o Evangelho não apenas de palavras, mas também por meio de obras (Tg 2.14-17). Nesse sentido, a Igreja promovia a igualdade financeira entre todos os irmãos.

2. Confiança no testemunho do Evangelho: (v 33a) - Após serem comissionados por Jesus (Mt 28.18-20), os apóstolos foram revestidos de poder do Espírito Santo (Jo 20. 22, 23; At 2). A Bíblia não relata os nomes, mas sabe-se, pela História, que muitos outros nasceram pela força da mensagem dos primeiros discípulos. Apolo é um dos exemplos desses homens (At 18.24-28; 1Co 3.4,5), pois não fazia parte do grupo de doze apóstolos, entretanto era tão "eloquente e poderoso nas Escrituras" (At 18.24) que seu nome foi citado várias vezes no Novo Testamento, comprovando o poder das palavras dos apóstolos, testemunhadas pela Igreja.

3. Confiança no caráter cristão: (v 35) - Um velho ditado afirma: "*ninguém conhece o coração do homem*", apenas Deus tem esse poder (Sl 139). Então por que os crentes da igreja primitiva confiaram seus bens a pessoas que às vezes mal conheciam? Por causa do testemunho daqueles homens, pelas vidas santas e até mesmo pelos açoites e prisões sofridos por cada um deles (At 4. 1-4). A Igreja confiava não apenas suas vidas físicas, mas espirituais, nas mãos de Deus (At 4.23-31).

III - IGUALDADE PROVENIENTE DA SOLIDARIEDADE - (V 36 e 37)

O capítulo quatro encerra com a história de José de Barnabé. Ele não foi o único a entregar grandes valores para a obra de Deus (At 2. 45), mas seu exemplo deve ter influenciado atos semelhantes, movendo a Igreja a solidarizar-se com as necessidades de outros irmãos.

1. Solidariedade exemplar: (v 36) - José, chamado de Barnabé pelos apóstolos, não foi o único a contribuir com a obra de Deus, porém, ele é especificamente identificado e, depois deste ato, continuou sua história de cooperação (At 11. 22-26), doando a própria vida em prol do Evangelho (At 13.2; 15. 25,26). Seu nome será sempre um exemplo a ser seguido pelos cristãos que devem confiar seu tempo, bens e vidas, nas mãos do Senhor.

2. Solidariedade com amor: (v 37) - Cada um dos Apóstolos deixou tudo para trás quando decidiu seguir a Jesus Cristo (Mt 4. 18-22). Barnabé também foi motivado a abandonar todas as riquezas materiais por amor aos irmãos e à missão que lhe fora confiada por Deus (At 13.2). A solidariedade cristã não é uma opção, é uma obrigação, porém, deve ser motivada pelo amor às almas que pode transformar o coração do homem, fazendo-o rejeitar os tesouros da terra e dedicar-se exclusivamente à disseminação da Palavra de Deus.

CONCLUSÃO: A Igreja primitiva era formada por homens e mulheres iguais aos dos dias atuais, porém, existia uma diferença fundamental: Convicção da volta do Senhor. Por acreditarem no Seu retorno iminente, eles se esforçavam em manter acesa a lembrança do sacrifício e ressurreição de Jesus. Com este pensamento, a Igreja permanecia com o coração unido num só objetivo, dispondo-se, até mesmo, em desfazer-se de tudo que lhes aprisionasse aos desejos deste mundo. Desta forma, era necessário amparar a todos, mantendo-os em condições de igualdade em relação ao seu próximo. A

Igreja de hoje, deve seguir o exemplo da Igreja primitiva e retornar todos os dias aos mesmos sentimentos, fundamentos e certezas (1Ts 3.7-13).

Lição 05 - CULTIVANDO A IMPARCIALIDADE

Tiago 2.1-13

INTRODUÇÃO: A igreja do século primeiro, estranha à sociedade da época, tentou romper com as distinções de classe. Nela, o homem influente podia sentar-se lado a lado com os escravos; um escravo podia ser o seu presbítero; a diferença na escala social não poderia interferir na comunhão dos membros. Esse comportamento social incomum chocava os influenciados pela mentalidade predominante da época. Muitos, rendendo-se às pressões sociais, sentiam-se obrigados a dar um tratamento especial às pessoas eminentes fora da igreja. Diante do exposto, a carta de Tiago nos leva à reflexão de que a parcialidade, ou seja, a forma injusta de julgar as pessoas, é pecado. Com isso, o apóstolo também mostra o porquê e como ser imparcial. Vejamos:

I - O QUE É PARCIALIDADE

Como já mencionado, parcialidade é a maneira injusta de julgar as pessoas; é mostrar favoritismo em decorrência de algo que outrem possua, quer seja status, poder, dinheiro, tudo aquilo que seja perceptível aos olhares do povo. À luz da Palavra, esse proceder é errado, pois:

1. É consequência de maus pensamentos (v 4). Neste versículo, Tiago afirma que aqueles que fazem acepção de pessoas, por meio do favoritismo, são indivíduos tomados de maus pensamentos. Esse tipo de pensar pode ser motivado por orgulho, ao imaginar-se melhor do que os outros ou ainda por se sentir inferior, devido a baixa autoestima, que o leva a não se aproximar de irmãos com condições melhores. O que ocorre no geral (e justamente o que o versículo em questão trata) é que as pessoas são tendenciosas a identificar-se com outras bem-sucedidas, por isso, seus pensamentos são os de se igualar às tais, dando preferência aos irmãos de boas condições em detrimento dos mais pobres. Para evitarmos que isso aconteça, devemos seguir a orientação de Paulo em Fp 4.8 "tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai".

2. É pecado (v 9). O ponto crucial da parcialidade é o pecado. A Escritura é clara: "se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado e sois redarguidos pela lei como transgressores." (v 9). Não devemos ignorar os ricos, porque assim estaríamos retendo nosso amor, mas não devemos favorecê-los pelo que eles podem fazer por nós, enquanto ignoramos os pobres que aparentemente podem nos oferecer tão pouco. O livro de Provérbios diz: "Balança enganosa é abominação para o Senhor, mas o peso justo é o seu prazer." O juízo injusto é abominável ao Senhor. Os versículos seguintes (da carta de Tiago) concluem que não há desculpa, pois uma pessoa que erra em um ponto da lei, ou toda a lei, erra da mesma maneira; e é comparado ao indivíduo ou ao assassino. Portanto, o favoritismo, a parcialidade, a balança injusta é tudo pecado.

II - POR QUE SER IMPARCIAL

Ao perceber o quanto é errado esse proceder, identifica-se, no texto em questão os motivos pelos quais devemos agir com imparcialidade, ou seja, o porquê precisamos ser neutros, julgando com equidade, retidão.

1. Porque é compatível com os ensinamentos de Cristo (v 8). Um dia, interrogado pelos fariseus sobre qual é o grande mandamento da Lei, Jesus resumiu os dez em dois: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. (...) Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mt 22.37,39) Agora, o irmão de Jesus (escritor da carta - Tiago) relembra esse ensinamento do amor. Se amarmos, como o Senhor nos ensinou, de maneira alguma pecaremos fazendo atos de favoritismo. Assim sendo, este é o primeiro motivo pelo qual devemos cultivar a imparcialidade.

2. Para não nos julgarmos melhores que os outros (v 4). O segundo motivo para sermos imparciais é um alerta para não cair em outro erro – o orgulho. Deus considera todas as pessoas como iguais, porém geralmente tendemos a nos julgar melhores do que os outros. Absolutamente o inverso do que a Palavra nos instrui "cada um considere os outros superiores a si mesmo." (Fp 2.3) Quando nos

enxergamos em uma posição mais elevada, pensamos estar acima dos outros; esse orgulho, soberba, é condenado por Deus pois, "resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes." (Tg 4.6) Logo, cultivar a imparcialidade é o caminho que o cristão deve seguir para alcançar a graça de Deus.

III - COMO SER IMPARCIAL

Finalmente chega-se à questão prática: como ser imparcial? Como não demonstrar favoritismo em meio a uma cultura absolutamente levada pela aparência? Essas respostas são expressas no texto.

1. Não se deixando levar pela aparência (v 2-4). O texto narra sobre uma pessoa entrando no templo com anel de ouro e vestes preciosas, ao contrário de outra com vestes sórdidas (andrajoso, imundo). Esse contraste de acessórios externos engana a muitos que apenas olham as aparências. Em Lucas 18.9-14, Jesus contou a parábola do fariseu e do publicano, no qual aquele se julgava melhor, acreditando que sua oração seria ouvida; o publicano, apenas de longe dizia "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" A oração ouvida foi a do publicano. Em outra ocasião, enquanto os ricos davam as maiores ofertas (apenas do que lhes sobrava), uma viúva deu duas moedas e Jesus falou que aquela era a maior das ofertas (Mc 12.44). Portanto, não analisar as coisas apenas por aparências nos leva a atitudes sábias de imparcialidade.

2. Por intermédio da misericórdia (v 13). A misericórdia que mostramos, revela a que recebemos. Os que provaram a misericórdia de Deus ocasionalmente, pelo menos deveriam ser, mas nem sempre são, melhores perdoadores. Os que tratam os outros com dureza, demonstram que não tiveram uma experiência com perdão. Como regra, a vida também parece provar que quanto mais misericordiosos somos para com as outras pessoas, mais somos tratados de maneira semelhante. Quando demonstramos compaixão para com alguém, também evidenciamos a imparcialidade, pois colocamos nos no lugar do outro, e não acima. Dessa forma, cultivamos o juízo reto - a imparcialidade.

CONCLUSÃO: Ao entender o que vem a ser o favoritismo, combatido pelo apóstolo Tiago, vislumbramos os motivos pelos quais devemos cultivar a imparcialidade. Seguindo os ensinamentos de Cristo relativos ao amor, logo não nos deixamos levar pelas aparências, conseqüentemente, demonstramos misericórdia e não pecamos por aceitação de pessoas. Esse cultivo da neutralidade deve ser diário para que prossigamos em uma vida cristã prática.

Lição 06 - RELACIONANDO COM HUMILDADE Filipenses 2.1-8

INTRODUÇÃO: O relacionamento entre cristãos requer unidade e comunhão. Por conta das diferenças entre as personalidades e temperamentos, dissensões podem surgir no meio cristão, abalando assim a sua unidade. O apóstolo Paulo exorta ao relacionamento com humildade e amor, para conservação da unidade do Corpo de Cristo. Alguns princípios da prática da humildade são esclarecidos na carta aos Filipenses, na qual é apresentado o exemplo máximo de humildade: Jesus.

I - O AMOR DE DEUS NOS EXORTA À HUMILDADE - (VV 1-3a)

Nesses primeiros versículos do capítulo 2, o apóstolo Paulo faz referência a algumas mudanças causadas pelo amor de Deus. Segundo ele, se este está presente em nossos corações, há unidade de pensamento, de sentimento, como ele mesmo definiu: "um só espírito, uma só atitude." (vv. 2b NVI) É possível, portanto, afirmar que:

1. A unidade de pensamento e sentimento entre os cristãos leva à humildade (vv. 1 e 2). União, afeto, unidade e compaixão são sentimentos que estão estritamente ligados à humildade. O próprio apóstolo Paulo é testemunho vivo da transformação causada no coração pelo amor de Deus. Antes fariseu, cidadão romano, Paulo tinha como características a ira e a soberba. Foi um dos que aprovou a execução de Estevão, demonstrando que compaixão e amor não eram características do seu caráter (At 8.1). Após a sua conversão, no entanto, esse mesmo Paulo se coloca humildemente a serviço do evangelho, e passa não somente a desfrutar da comunhão entre os irmãos, mas a encorajar outros irmãos a se colocarem humildemente na presença do Senhor, a serviço do Evangelho e do próximo. Essa é a vontade de Deus (Mq 6.8).

2. Vaidade, orgulho e ambição egoísta são sentimentos contrários à humildade e não devem fazer parte da prática de vida cristã (vv. 3a). Vaidade e orgulho levam os cristãos, até mesmo os mais devotos, à própria exaltação. Sabe-se que essa atitude é reprovada pelo Senhor (Lc 14.11). Esses sentimentos geram contenda entre os irmãos e é de conhecimento comum que Deus abomina o que semeia contenda (Pv 6.16-19). O rei Davi, quando se deixou levar por interesses pessoais e egoístas, em detrimento de fazer a vontade de Deus, cometeu o ato mais vil de sua história, adulterando com a mulher de Urias e assassinando-o para encobrir este pecado. Por conta desse ato, Davi perdeu a paz e a comunhão com Deus. Mais tarde, o próprio Davi fez um censo do povo de Israel com objetivo de exaltação própria. As consequências desse ato foram severas (1Cr 21). Outro exemplo bíblico é o de Sansão, que sempre foi levado por tais sentimentos, e essa foi a causa da sua ruína. O que se pode aprender disso é que todo aquele que se envaidecer não achará graça diante dos olhos do Senhor. "o que exalta a sua porta, busca ruína" (Pv 17.19b).

II - O VERDADEIRO SIGNIFICADO DE HUMILDADE - (VV 3b e 4)

O dicionário classifica o termo humildade como "*virtude que nos dá o sentimento de nossa fraqueza; modéstia; submissão; ausência completa de orgulho.*" Todas essas definições estão corretas. Entretanto, neste capítulo, Paulo nos dá uma definição diferente do que significa humildade, basicamente sendo resumido em dois tópicos:

1. Humildade é o ato de considerar o próximo superior a si mesmo (vv. 3b). O Senhor Jesus nos ensinou o segundo maior mandamento: "Amar ao próximo como a nós mesmos". Paulo, entretanto, nos exorta a considerarmos o próximo superior a nós mesmos. Muitas pessoas acreditam que humildade é considerar-se incapaz, pior em todos os aspectos do que todos que estão a sua volta. Isso não é humildade! Talvez seja complexo de inferioridade, ou até mesmo mediocridade. Humildade é considerar o próximo superior, mas nem por isso considerar a si mesmo inferior. É considerar os desejos e necessidades do próximo tão importantes, ou até mesmo mais importantes, do que os próprios desejos e necessidades e se temos alguma capacidade, que também esta esteja à disposição do próximo.

2. Humildade é jamais ter em vista apenas os próprios interesses (v. 4). Certa vez, Jesus declarou: "Se alguém quiser vir após mim, Despojar-se dos próprios interesses em favor do próximo é uma atitude bastante altruísta, que demonstra um amor caridoso. No livro de Ester temos um exemplo de humildade quando a rainha se coloca em perigo de morte, entrando na presença do rei sem o convite do mesmo, para interceder em favor do seu povo, que seria vítima de uma trama planejada por Hamã. Apesar de saber que poderia ser morta, Ester julga que o bem de todo o seu povo era mais importante que a sua própria vida. E então Deus faz Ester achar graça aos olhos do rei Assuero (Et 5.2; Tg 4.6). Considerar os próprios interesses é algo comum ao ser humano, mas não devemos considerar apenas os nossos interesses, mas devemos buscar também o bem daqueles que estão ao nosso redor. Para isso, precisamos de humildade e, em se tratando disso, não há como deixar de falar em Jesus.

III - O EXEMPLO PERFEITO DE HUMILDADE EM JESUS CRISTO - (VV. 5-8)

Em todos os aspectos da vida, nunca houve exemplo maior que o próprio Senhor Jesus. No que se refere a humildade, Ele é o exemplo perfeito a ser seguido. O apóstolo Paulo lista algumas características do caráter de Jesus que descrevem quão humilde era o Seu coração.

1. Não usurpou ser igual a Deus (vv. 5 e 6). Jesus não tinha a menor dúvida em relação a esse fato: Ele é Deus e sabe disso (Jo 10.30; 14.9). Mas Jesus demonstra a sua absoluta humildade por não se apegar ao fato de ser Deus. Ele, que é o Criador do universo, o Senhor dos Exércitos, Rei dos reis, Onipotente, não se utilizou desse poder em favor de si mesmo, mas utilizou-o em favor da humanidade. Os homens em geral têm a tendência de apegarem-se a cargos ou títulos. Diretores, presidentes, reis, doutores, sacerdotes, pastores, todos esses títulos ou cargos são respeitados no mundo contemporâneo e carregam consigo certo "*status*" perante a sociedade. Jesus tinha o maior desses títulos: Ele é o Deus Todo-Poderoso, mas isso não o impediu de ser humilde e servir ao seu próximo. É esse o verdadeiro sentido de humildade.

2. Humilhou-se e, obediente, cumpriu a Lei até a morte em favor de todos os homens (vv. 7,8). Nenhum homem, a não ser Aquele que é Perfeito, tinha a capacidade de cumprir a Lei. Jesus não apenas se despojou do seu Trono de Glória e se fez homem, mas, nesta forma, Ele cumpriu o que

todo homem falhou em cumprir desde a sua queda. Só Jesus podia cumprir a Lei, pois somente Ele tinha essa capacidade, que usou em favor de uma humanidade pecadora. Humildemente, Ele se fez servo em nosso favor. Não por obrigação ou porque merecíamos, mas por amor a nós. "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). "Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8). Ele merecia somente o Trono, mas caminhou até a cruz que nós merecíamos, com o único propósito de nos salvar. Se o próprio Jesus se humilhou em nosso favor, muito mais nós, que somos servos, devemos nos humilhar e servir ao nosso próximo para a glória de Deus.

CONCLUSÃO: A humildade não é apenas uma característica do caráter humano, mas uma atitude. A pessoa humilde de coração não é aquela que apenas considera o próximo superior a si mesmo, mas aquela que age em favor dos que estão ao seu redor por considerá-los mais importantes. O amor de Deus deve permear nossos corações e nos levar a prática de atos de humildade e serviço ao próximo, assim como fez Jesus. Se em algum momento duvidarmos acerca do que é o certo a fazer, da atitude certa a se tomar, devemos nos perguntar: "Se Jesus estivesse no meu lugar, o que Ele faria?" Jesus é o exemplo perfeito de humildade. Se tão somente seguirmos Seu exemplo, teremos sucesso em nos relacionarmos humildemente diante de Deus e com o próximo. Que todos os dons e talentos, confiados por Deus a nós, sejam para a Sua honra e em favor dos nossos irmãos.

Lição 07 - LIBERANDO O PERDÃO **Mateus 18.23-35**

INTRODUÇÃO: A Igreja é o corpo vivo de Cristo. É nela, e por meio dela, que se manifesta o reino dos céus. Sua expansão depende do comportamento de cada servo de Deus. O Senhor destaca nesta parábola a beneficência do perdão. Concedê-lo a alguém é ser compassivo e tornar-se, também, alvo do perdão divino. Por isso, está escrito: "Suportando-vos e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como o Senhor vos perdoou, assim fazei vós também" (Cl 3.13). Portanto, vejamos:

I - O PERDÃO CONCEDIDO POR DEUS

O perdão é uma das práticas mais benéficas do cristianismo. A sua doutrina é largamente ensinada na Bíblia. No Novo Testamento, aparece expresso de quatro maneiras: 1) "*Charizomai*" = "*tratar graciosamente com*"; 2) "*Aphiemi*" = "*Mandar embora, soltar*"; 3) "*Apoluō*" = "*Libertar*" e; 4) "*Paresis*" = "*Deixar passar*". Por todas estas expressões, fica clara a ideia do perdão, tanto de Deus para com o homem, como deste para o seu semelhante.

1. Ao servo que contraiu grande dívida - O texto afirma: "Não tendo com o que pagar" (v 25), o Senhor perdoou-lhe a dívida (v 27). Note a expressão: "soltou-o". A dívida é uma prisão. Deus tratou com ele graciosamente, soltou-o, libertando-o, isto é perdão. A nossa dívida para com o Senhor é muito mais do que podemos pagar. A escritura diz que todo aquele que comete pecado é seu escravo (Jo 8.34). Mas também afirma que é Deus quem perdoa todas as nossas iniquidades (Sl 103.3). Em Cristo, Ele nos perdoa os pecados e nos purifica de toda injustiça (1Jo 1.9).

2. Ao servo que se humilhou - O primeiro passo para o perdão divino é o reconhecimento da dívida. Se aquele servo arrogantemente elevasse a sua voz contra o Senhor, tentando provar que não lhe devia nada, certamente hoje teríamos uma história com final diferente. Ele teria sido vendido à escravidão e jamais se livraria, pois não teria como pagar a dívida. No Salmo 49.8, lemos: "pois a redenção da sua vida é caríssima, de sorte que os seus recursos não dariam". Aquele homem prostrou-se e passou a reverenciar o seu Senhor que, comovido, o perdoou, pois é rico em perdoar (Is 55.7). A sentença do Senhor para os humildes e arrependidos é: "pois lhes perdoarei a sua iniquidade e não me lembrarei mais dos seus pecados" (Jr. 31.34).

3. Ao servo digno de compaixão - O que leva Deus a nos perdoar em Cristo é a sua misericórdia, e não argumentos. O fariseu em nada convenceu o Senhor, porque justificava a si mesmo. Jesus disse: "Digo-vos que este (referindo-se ao publicano), desceu justificado para a sua casa, e não aquele (o fariseu); porque todo o que a si mesmo se exalta será humilhado, mas o que a si mesmo se humilha será exaltado" (Lc 18.14). O servo disse: "tem paciência comigo" (v 26). O publicano orou: "Ó Deus, sê propício a mim, o pecador" (Lc 18.13). Davi suplicou: "Compedece-te de mim, Ó Deus, segundo a tua benignidade, apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias" (Sl 51.1).

II - O PERDÃO NEGADO PELO SERVO

Deus nos perdoou tantos pecados ao nos conceder o dom gratuito da salvação em Cristo, que qualquer ofensa que outro ser humano possa praticar contra nós, é irrisória. Perdoá-lo é o mínimo que podemos fazer, refletindo, assim, algo da bondade divina que tem sido derramada em nossas vidas (Lc 17.3,4; Tg 2.13; 1 Pd 4.8) (Bíblia Shedd). Vejamos a atitude do servo incompassivo:

1. Ao seu semelhante - "Um dos seus conservos" (v 28) – Quando Deus nos perdoa Ele o faz movido pelo seu amor. Da mesma forma devemos perdoar, setenta vezes sete, o nosso irmão que pecar contra nós. (Mt 18.15-22) "Mesmo se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me; tu lhe perdoarás" (Lc 17.4). Num gesto egoísta, negou-lhe o perdão: "pague o que me deves" (v 28). O egoísmo deseja somente para si e não quer que outros alcancem algum benefício. Perdoar é soltar, libertar, deixar ir. O perdão é uma doação. Portanto, esta é a lei de Deus: "soltai e soltar-vos-ão" (Lc 6.37). Mas o egoísta recebe e não passa adiante. Muitas doenças na vida dos cristãos poderiam ser curadas com este gesto simples: o perdão.

2. Num gesto incompassivo - "Ele porém não quis" (v 30) – Aquele servo não perdoou o seu companheiro, simplesmente porque não quis. Muitos cristãos afirmam categoricamente: "*Eu não perdoou, quem perdoa é Deus*". Outros dizem: "*Eu já perdoei, ele lá e eu aqui*". Existe casal que aceita teoricamente o erro do seu cônjuge, mas no íntimo nunca perdoou e assim o mantém preso. Famílias inteiras, vivendo debaixo do mesmo teto, mas não conseguem se perdoar. Na igreja, muitos estão cantando, ceando, e por incrível que pareça, até orando juntos, mas nunca se perdoaram. E sabem por quê? Porque não querem. Deus jamais exigiria de nós tal coisa, se perdoar fosse algo impossível (Mc 11.26). O servo poderia ter perdoado aquela dívida tão pequena, "ele porém, não quis".

3. Na indignação do Senhor - O Senhor se indignou com a atitude daquele "servo malvado" (v. 32). Cobrou-lhe o fato de não haver perdoado o seu semelhante. "Perdoei-te toda aquela dívida... não devias tu também ter compaixão..." (v 33). Deus tem cobrado a nossa indisposição em perdoar. Certamente tem falado conosco por meio das Escrituras, das pregações, dos hinos e de muitas outras maneiras. Fala agora por meio desta lição. Não devemos resisti-lo: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas" (Mt 6.14,15). "Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta. Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão" (Mt 5.23-25). "Assim vos fará meu Pai celestial, se de todo coração não perdoardes, cada um a seu irmão" (Mt 18.35; Mc 11.25).

CONCLUSÃO: O que foi tratado neta lição não é apenas questão doutrinária, trata-se de ensino prático e fundamental. É uma prioridade, pois o perdão é base fundamental para a unidade da igreja.

Lição 08 - DEMONSTRANDO ALTRUÍSMO

1 João 3.10-18

INTRODUÇÃO: De forma geral, altruísmo pode ser definido como "*amor desinteressado ao próximo*". O ser humano não tem a tendência natural de beneficiar o próximo, a menos que isso implique em um benefício direto para ele mesmo. Nós normalmente ajudamos aqueles com os quais temos algum tipo de vínculo, e que de alguma forma poderão retribuir nosso "*cuidado*" em algum momento. No entanto, o amor desinteressado é uma característica indispensável ao verdadeiro cristão que, seguindo o exemplo de Cristo, é capaz de amar seu irmão sem esperar algo em troca.

I - ALTRUÍSMO É EVIDÊNCIA DO NOVO NASCIMENTO - (V.14)

O homem é naturalmente voltado para si e não para seu próximo; por nós mesmos não conseguimos agir em favor dos outros de maneira desinteressada e constante. Quando nascemos de novo, essa realidade tem que mudar. Como filhos de Deus, passamos a manifestar características de nosso Pai, adquirimos a capacidade de amar o próximo com o amor daquele que habita em nós. Passamos a agir de maneira mais altruísta expressando o amor que:

1. É prova de Cristo em nós v. 10 - Não existe a possibilidade de uma nova criatura continuar tão mesquinha e egoísta quanto era antes de aceitar o senhorio de Cristo em sua vida. O versículo 10 deixa claro que "qualquer que não pratica a justiça e não ama a seu irmão não é de Deus". A expressão do amor é uma das maiores provas de Cristo em nós, aquele que não ama a seu irmão não está em Deus, pois assim como diz 1Jo 4.16 "Deus é amor e quem está em amor está em Deus, e Deus, nele", logo, se não estamos em amor, não estamos em Deus, e muito menos Ele em nós.

2. É resultado de Cristo em nós v. 16 - "ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos". A prática do amor é fruto do maravilhoso exemplo que nos foi deixado. Hoje, só podemos ter acesso livre a Deus porque um dia Ele deixou a sua glória para vir e fazer por nós o que jamais seríamos capazes de fazer por qualquer pessoa. Foi Ele quem nos mostrou o que é verdadeiramente amar; em virtude desse exemplo maior de altruísmo, hoje podemos ter comunhão com Ele, amá-lo e difundir, para aqueles que nos cercam, o amor que nos foi apresentado e que não podemos conter dentro de nós.

3. É um ato de submissão ao Cristo que está em nós v. 11 - "E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento" (1Jo 4.23). O amor e o cuidado para com o próximo é também um ato de submissão a Deus. A verdade é que, por considerar o amor como algo subjetivo, acabamos por complicar as coisas, mas a verdade é que amar é simplesmente um mandamento divino ao qual devemos tão somente obedecer. Você não deve procurar pessoas dignas do seu amor para amar, pois Deus não esperou encontrar em você algo que o fizesse digno de Seu amor; assim como Ele simplesmente escolheu te amar, você deve escolher obedecer Seu mandamento, escolhendo amar ao próximo.

II - O ALTRUÍSMO PRECISA SER EXERCITADO

Como vimos no tópico anterior, quando aceitamos a Jesus somos feitos novas criaturas. A partir desse momento, Deus começa a trabalhar em nosso caráter para torná-lo cada vez mais próximo do caráter de Cristo - nosso irmão mais velho (Rm 8.29). Assim, passamos a ter nossa velha natureza "*suprimida*" pela natureza divina. O problema é que não somos feitos imagem de Cristo do dia para a noite, esse é um longo e doloroso processo que implica na mortificação da nossa carne, a qual não temos como abandonar. Por isso, precisamos exercitar o altruísmo para que o egoísmo que habita em nós não venha prevalecer. Portanto, exercitar o altruísmo:

1. Implica em renúncia v. 16 - Nosso Senhor renunciou a Sua glória e majestade para dar a maior prova de amor que poderíamos ter: a oportunidade de viver por meio da sua morte. Mesmo diante de tamanha demonstração de altruísmo, muitos de nós ainda nos negamos a abrir mão de um dia de lazer, de nosso dinheiro e de muitas outras coisas que muitas vezes não nos fariam falta, e que poderiam mudar a vida de outra pessoa. O Amor é uma decisão que precisa ser traduzida em ações, o exercício do altruísmo necessariamente requer algum tipo de renúncia e, como diz o verso 16, se for preciso, que abramos mão da própria vida por amor ao nosso irmão.

2. Implica em compartilhamento v. 17 - "Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele o amor de Deus?" Se nosso irmão estiver com fome, não basta orar para que Deus o mande suprimentos, se temos alimento para compartilhar. Ele com certeza, se sentirá muito mais amado, voltando pra casa abençoado e saciado, ao invés de tão somente "*abençoado*". O versículo fala de bens materiais, mas podemos ir além disso. Muitas vezes estamos cercados de pessoas carentes de atenção, precisando apenas que nos interessemos por elas, que perguntemos se está "*tudo bem*" esperando para ouvir a resposta; que compartilhemos seus problemas - os quais muitas vezes não podemos resolver, mas podemos compartilhar. Suas almas aflitas estão fragilizadas e, por escolhermos não nos interessar por elas, muitas acabam se perdendo.

3. Implica em coragem v. 13 - "Meus irmãos, não vos maravilheis, se o mundo vos aborrece". Praticar o altruísmo é andar na contramão, é ser odiado pelo mundo. O sistema padece pela falta de amor, pois as pessoas não são ensinadas a cuidar umas das outras. Nós, porém, fomos chamados para seguir os passos de Cristo e fazer a diferença. Para isso, precisamos de coragem: primeiro para enfrentar a nossa própria resistência, gerada pelos conceitos que adquirimos antes de nascermos de novo; depois para enfrentar a resistência do mundo, que está cheio de boas razões para cuidarmos da nossa vida e

olharmos para o lado apenas se tivermos com muito dinheiro sobrando e bastante tempo livre, o que, para nossos dias, é praticamente impossível.

CONCLUSÃO: Muitos de nós tentamos nos convencer de que somos verdadeiros cristãos quando, na verdade, não praticamos o cristianismo. Se todo o que se diz cristão estivesse vivendo uma vida um pouco mais altruísta, já haveria uma massa considerável na contramão, e mais pessoas estariam sendo alcançadas pelo Amor. Se você não se sente movido a ajudar o próximo, quando pode fazê-lo deve rever urgentemente sua vida espiritual. Não deixemos o Espírito de Deus sem espaço para trabalhar. Na vida do cristão, a guerra constante em que vivemos não pode ser vencida pelo egoísmo.

Lição 09 -PRESTANDO SERVENTIA

João 13.1-17

INTRODUÇÃO: Quando pensamos em alguém que foi um exemplo de predisposição para servir, a primeira pessoa que nos vem à mente é Jesus (Mc 10.45). Sendo Deus, Ele humilhou a si mesmo, assumiu a forma de servo e fez-se semelhante aos homens, sendo obediente até a morte (Fp 2.7,8). Prestar serviço a Deus e ao próximo, além de mostrar que estamos seguindo os passos de Jesus, significa que estamos vivendo a prática do Evangelho. "Se alguém me serve, siga-me; e, onde eu estiver, ali estará também o meu servo" (Jo 12.26). O chamado para servir é para todos os que estão ao alcance da Palavra, e a nossa obediência a este chamado indica que o Evangelho entrou não apenas em nossos ouvidos, mas inundou nossas mentes e corações.

I - REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA SERVIR

Exercitar a prática de vida cristã, agindo como servo, exige que alguns requisitos sejam cuidadosamente observados. O serviço cristão precisa ser proveniente de uma motivação genuína e fruto de um espírito voluntário. Vejamos:

1. Ter o amor como motivação verdadeira. "... como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (v. 1a). O verdadeiro serviço a Deus e ao próximo precisa estar fundamentado no amor. Como amava os seus discípulos, Jesus não via nenhuma dificuldade em servi-los. Quem não ama, pode até servir a alguém, mas este serviço será baseado em outros interesses, tais como: auferir lucros que satisfaçam o pensamento egoísta ou cumprir as exigências legalistas da religião. De qualquer forma, essas motivações jamais receberão a chancela divina. Para Deus, todo serviço prestado deve ser fruto de um amor genuíno. Muito mais que nossas ações, são as motivações do nosso coração que despertam a atenção do Senhor. "Senhor, tu me sondas e me conheces" (Sl 139.1).

2. Ter um espírito voluntário. "Levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, cingiu-se" (v. 4). É possível que naquele cenáculo, os discípulos estivessem se entreolhando, esperando que alguém se prontificasse para lavar os pés de todos. Eles estavam cheios de desejos de grandeza, pois discutiam no caminho sobre qual deles seria o mais importante (Lc 12.24). Aquele que se voluntariasse, seria colocado como servo e não como o maior, exatamente o contrário do que eles almejavam. Foi então que Jesus se prontificou para o serviço, assumindo a condição de servo. Os discípulos aprenderam sobre a necessidade de se ter uma disposição voluntária, uma vez que, anos depois, todos se voluntariaram para sofrer e morrer como servos da causa do Evangelho (ex: Pedro e João, At 5.38-41).

II - COMO DEVE SER REALIZADO O SERVIÇO CRISTÃO

Uma vez cumpridos os requisitos expostos no tópico anterior, faz-se necessário atentar para algumas maneiras relevantes na prestação de serviço, que deve ser realizado com total desprendimento e sem qualquer tipo de preconceito. Vejamos:

1. Deve ser realizado com uma predisposição abnegada. "Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo" (v. 8). Ante a relutância de Pedro, Jesus poderia perfeitamente tê-lo deixado com os pés sujos, todavia Ele insistiu. Era de suma importância que Pedro tivesse os seus pés lavados. Por vezes, deixamos de servir a alguém logo no primeiro obstáculo. Pois nem todos se mostram abertos para receber ajuda. Há os que se sentem diminuídos, ou até mesmo desconfiados, com relação ao bem que lhe pretendem fazer. Contudo,

aquele que tem um desejo resoluto de servir, supera todas as barreiras e cumpre o seu papel de servo. A exemplo daquele samaritano, que cedeu a sua cavalgadura, seu tempo, seu dinheiro, e ainda cederia muito mais, se a situação exigisse (Lc 10.33).

2. Dever ser realizada sem acepção de pessoas. "Porque bem sabia ele quem o havia de trair" (v. 11a). Jesus sabia que Judas o trairia, bem como conhecia o futuro espiritual sombrio que para o traidor estava reservado (Jo 17.12). Jesus sabia que na madrugada daquela noite, Pedro o negaria três vezes (Mt 26.69-75), no entanto, não hesitou em lavar os pés de ambos. Ele estava demonstrando na prática que o nosso desejo de servir não pode estar circunscrito apenas àqueles que nos amam, ou que nos querem bem, ou que correspondem à nossa atenção. Servir aos que são amados é uma ação que até mesmo os ímpios podem fazer (Lc 6.32). O ensinamento prático de Cristo é: "Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem" (Mt 5.44).

III - OBSERVAÇÕES RELEVANTES NA PRÁTICA DO SERVIR

Servir não é apenas uma vocação para o crente. Representa o cumprimento de um imperativo divino. Como se trata de mandamento, a atitude de servir independe da posição social ou eclesiástica na qual eventualmente nos encontramos. Vejamos:

1. Independe de posição eclesiástica. "Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros" (v. 14). Após ter lavado os pés dos discípulos, Jesus não deixou de ser Senhor e Mestre. Ele assumiu a condição de servo, mesmo "sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus, e que ia para Deus" (v. 3). Ou seja, agir como servo em nada alterou a sua condição divina. Quantos de nós deixamos de servir por entendermos que já chegamos a um nível por demais elevado, e que, portanto, agindo como servos estaríamos nos rebaixando? No Reino de Deus, aquele que quiser ser grande, deverá primeiramente se comportar como o menor de todos (Lc 22.26).

2. Representa obediência a um mandamento de Jesus. "Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (v. 15). Jesus não apenas pregou sobre as atitudes de um servo, Ele agiu na prática como tal. Agora, Ele nos manda trilhar o mesmo caminho. O ato de servir não pode ser considerado como uma opção para aquele que se torna discípulo do Reino. Ao abraçarmos a causa do Evangelho, nos tornamos semelhantes ao escravo da orelha furada, que, tendo a oportunidade de ser liberto da escravidão, preferiu antes servir ao seu senhor voluntariamente e para sempre (Ex 21.5,6). Servir a Deus e ao próximo é a prova de que entendemos a mensagem do Evangelho.

CONCLUSÃO: Servir implica em renunciar, em abrir mão do bem-estar e do conforto em favor de pessoas que por vezes nem mesmo conhecemos. Entretanto, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas pelos que se predispõem a agir como servos, Jesus os chama de venturosos: "Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes", disse Ele (v. 17). O vocábulo "servo", no contexto da Bíblia, é sinônimo de "escravo". Nos tempos bíblicos, os escravos serviam aos seus senhores sem qualquer expectativa de reconhecimento ou gratidão. Este é o grande diferencial do servo de Deus, e por isso ele é bem-aventurado (Mt 25.21).

Lição 10 - MANTENDO O VÍNCULO 1 Coríntios 12.12-27

INTRODUÇÃO: Manter o vínculo entre os múltiplos membros do corpo de Cristo é uma atitude de extrema importância para o Reino de Deus, pois implica na saúde da igreja. Nesta lição, o cristão será chamado a refletir acerca da visão que tem de si mesmo e também dos outros membros integrantes deste corpo místico. Todos estes membros unidos funcionam em perfeita harmonia, quando submissos ao cabeça, que é Jesus, e quando dispostos a uma prática de vida cristã, onde se procura "... guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef 4.3). Uma grande verdade é revelada por meio dos tópicos da lição: Deus é o Mentor da ideia de um corpo. Foi dele que recebemos as designações acerca do que devemos desempenhar e todos temos igual importância para Ele. Abramos nosso coração para essas excelentes verdades.

I - OS MUITOS MEMBROS FORMAM UM SÓ CORPO EM CRISTO

"Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também" (v. 12). O texto fala da unidade na diversidade, ilustrada na figura do corpo humano. Como membros do corpo de Cristo, devemos procurar desenvolver nossas tarefas com perfeição, sem anomalias ou disfunções. Para isso, precisamos entender alguns princípios. Vejamos:

1. Um corpo moldado pelo Espírito Santo. "Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo... e todos temos bebido de um Espírito" (v. 13). Este batismo é uma alusão ao poder do Espírito que é capaz de moldar, num mesmo corpo pessoas de outras raças, credos ou condição social. É um batismo de união. O beber refere-se ao fato de também comungarmos de um mesmo Espírito. Cada membro deve reconhecer essa unidade e participar ativamente dela, a fim de contribuir para o desenvolvimento da igreja. Para isso, precisamos estar vinculados pela ação do Espírito; pois embora com funções distintas, possuímos uma identidade com o mesmo Espírito e herdamos a natureza de Cristo. "... todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus" (Cl 2. 19).

2. Um corpo que mantém harmonia na diversidade dos membros. "Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos" (v. 14). Precisamos entender que diversidade não é sinônimo de desarmonia. No corpo físico, a diversidade é essencial para a sobrevivência, e o torna mais intrigante e belo. Não é natural que o corpo funcione em desunião, mas em cooperação. Espera-se a mesma harmonia no corpo espiritual, onde os inúmeros membros, com diferentes funções, não devem sofrer qualquer perturbação na essência da unidade e dos objetivos a que se propõem, antes devem manter-se harmonicamente vinculados uns aos outros. Cada membro do corpo de Cristo possui algo de indispensável e deve perceber-se como parte importante da igreja. "*O Cristo inteiro inclui tanto a cabeça como o corpo*" (Agostinho).

II - OS MUITOS MEMBROS EXERCEM FUNÇÕES DISTINTAS

"Agora, pois, há muitos membros, mas um corpo" (v. 20). Uma casa não pode ser construída apenas de tijolos, mas de tijolos, telhas, janelas e muitos outros materiais. E todos eles, a despeito de serem diferentes, são igualmente importantes. Assim é na casa de Deus. Importa que cada membro realize alegremente a função que lhe foi confiada, de forma a glorificar ao Senhor. Vejamos:

1. Funções determinadas por Deus. "Mas, agora, Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis" (v. 18). Foi Ele quem estabeleceu os apóstolos, os profetas, os doutores, bem como as múltiplas manifestações dos dons (v. 28). Qualquer insatisfação em relação à vocação de alguém vai contrariar o querer de Deus. Nossas diferentes funções devem servir e auxiliar com reciprocidade. Ou seja, se eu não tenho o dom de pregar a Palavra, ainda assim sou edificado com a pregação de outros, da mesma forma que o dom que o Senhor me confiou vai suprir a carência espiritual de alguém. O propósito é o de fortalecer a saúde do corpo em geral e o bem estar dos membros em particular. (1Co 12.11).

2. Funções imprescindíveis para a formação do corpo. "Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato?" (v. 17). Um corpo não pode ser formado por um único órgão; isso seria uma monstruosidade. Mesmo que um membro subestime sua função, julgando-a inferior, ela, como qualquer outra, é essencial para o bom funcionamento do organismo. A igreja, para existir e dar frutos, necessita dessa diversidade de dons e ministérios. Apenas por meio da unidade entre os membros é que o corpo pode desfrutar dessa harmonia, tão essencial para sua sobrevivência. Importa que cada membro valorize sua função e utilidade, e sirva alegremente àquele que é o Senhor da igreja. "E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?" (v. 20).

III - OS MUITOS MEMBROS DEVEM VIVER EM HARMONIA

"Para que não haja divisão no corpo..." (v. 25a). Todo o arrazoado de Paulo no capítulo doze da primeira epístola aos Coríntios teve o objetivo de nos conduzir ao entendimento de que necessitamos viver em harmonia, considerando a importância de cada membro, bem como o cuidado de uns para com os outros. Vejamos:

1. Considerando seu grau de importância. "antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários" (v. 22). Todos os membros do corpo, por mais insignificantes que pareçam,

têm sua importância. As sobrancelhas, por exemplo, não foram inseridas no rosto apenas para adorná-lo. Elas protegem os olhos da luz que vem do alto, bem como do suor da testa. O corpo de Cristo carrega o mesmo princípio: desde os membros com funções mais simples, até os que têm funções mais complexas são de caráter indispensável. Deus não imputou nenhuma tarefa como inferior, por isso cada membro deve desempenhar sua atividade com determinação e coragem. Na batalha entre Israel e Amaleque, tão importante quanto a intercessão de Moisés, foram os braços incansáveis de Arão e Hur (Ex 17.8-16).

2. Considerando a necessidade do cuidado mútuo. "... antes, tenham os membros igual cuidado uns dos outros" (v. 25b). Como membros do corpo de Cristo, somos também membros uns dos outros, e dependemos do cuidado mútuo para a manutenção do vínculo. Da mesma forma que o sucesso de um membro é dividido com todo o corpo, a dor de um membro implica em sofrimento para todo o organismo (v. 26). Assim, é dever de cada cristão respeitar e cuidar do outro, com o objetivo de manter o bem-estar da igreja. Tal postura protege o corpo contra a contenda, inveja ou facção, que podem comprometer tanto o desempenho do membro, quanto a saúde de todo o corpo. Neste sentido, Paulo nos advertiu: "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros" (Rm 12.10).

CONCLUSÃO: Manter o vínculo refere-se tanto ao nosso relacionamento para com o próximo, quanto para com Deus. Às vezes nos preocupamos apenas com nossa comunhão com Ele, esquecendo-nos que ela só é possível quando temos comunhão com aqueles que nos cercam (1Jo 4.20). Assim, seguindo os preceitos desta lição, devemos nos empenhar por um convívio em harmonia, pois isso contribuirá para o desenvolvimento do corpo de Cristo. Como membros desse corpo, precisamos valorizar o papel de cada um, e inclusive o nosso, "... tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa...", de forma que tudo o que fizermos será, não por contenda ou vanglória, mas por humildade para a glória de Deus (Fp 2. 2,3).

Lição 11 - BUSCANDO ESTATURA ESPIRITUAL **Eféios 4.1-16**

INTRODUÇÃO: A estatura é a medida da altura de uma pessoa. Todos nós aumentamos de tamanho desde o nascimento até atingirmos as dimensões máximas, características de cada um em particular, que dependem igualmente do estilo de vida que escolhemos viver. É a esse processo de aumento natural de tamanho que se chama crescimento individual. Já o crescimento espiritual é o processo pelo qual nos tornamos cada vez mais parecidos com Jesus. Nesta lição, aprenderemos que o crescimento espiritual dar-se-á de acordo com as características daquele que nos gerou e da forma como escolhemos viver a nossa jornada cristã.

I - NA PRÁTICA DA UNIDADE CRISTÃ - (VV 1-10)

Creemos que a unidade é importante, porém, colocá-la em prática é o maior desafio. A seguir, examinaremos alguns esforços para se manter a unidade que agrada a Deus.

1. Convivência (suportando-vos) - Se existe uma ordem bíblica para que suportemo-nos uns aos outros é porque haverá entre nós ofensas, intrigas e dificuldades reais nos relacionamentos. Essas atitudes do semelhante, contrárias às nossas expectativas, podem vir a ser duradouras. Em outras palavras, o ofensor poderá persistir em sua postura, quer ciente ou não do seu erro. Nota-se que o ato de suportar alguém envolve perdoar muitas vezes até que passe a provocação, ao que Jesus se referia quando orientou que perdoássemos "setenta vezes sete" (Mt 18.22).

2. Amor fraternal - A carta de Paulo aos Coríntios registra uma igreja rica nos dons do Espírito, porém pobre na sua graça, o amor. Paulo os disciplina chamando-os para crescer em amor, já que não há nenhum valor em qualquer realização, dom ou sacrifício quando o amor não é a fonte e o tempero de todos eles (1Co 13). Infelizmente vivemos num mundo que apresenta muitos problemas, onde as pessoas são cada vez mais egoístas, não dando a menor importância para temores e preocupações dos outros. Cada um pensa em si mesmo, buscando sempre uma vantagem em tudo o que fazem. Porém, o cristão deve ser o reflexo de Cristo (Jo 13.35), ou seja, precisa reproduzir, na prática, aquilo que Ele viveu e ensinou. Um amor que não depende de favores ou de ser amado primeiro, mas que ama antes mesmo de ser amado, a exemplo do próprio Deus para conosco (Lc. 6.31-35). Por essas e outras razões, este é o mais importante de todos os mandamentos (Lc 10.27).

II - NO APERFEIÇOAMENTO DO MINISTÉRIO DA FÉ - (VV 11-13)

O ministério comum de todos os cristãos é a edificação do corpo de Cristo e a expansão do Reino de Deus na terra. Porém, alguns têm ministérios específicos, escolhidos por Deus, com o fim de aperfeiçoar a todos os santos.

1. Apóstolos - "*Apóstolo*" significa mais do que um simples mensageiro. Significa literalmente, "*enviado*". Este vocábulo pode ser encontrado 79 vezes no Novo Testamento. "Ele chamou para si os seus discípulos, e deles escolheu doze, a quem ele chamou de apóstolos" (Lc 6.13). Os apóstolos, assim como Paulo, foram escolhidos e separados para um ministério específico. Receberam a incumbência do Senhor Jesus Cristo para pregar a mensagem da cruz, inclusive para os gentios. Sendo um dom ministerial, conforme lemos em Efésios, podemos afirmar que os apóstolos jamais estiveram ausentes da igreja. Embora não recebam mais esse título, continuam a realizar o trabalho que aqueles incansáveis campeões realizaram quando espalharam, a partir de Jerusalém, a mensagem de Cristo. Há quem reivindique essa condição hoje mais como uma forma de projeção e glória pessoal, porém o propósito de Deus é que eles sejam para "o aperfeiçoamento dos santos".

2. Profetas - Os profetas foram homens escolhidos por Deus, para serem canais da manifestação de sua vontade ao povo israelita. Instrumentos poderosamente usados e através destes, a glória do Senhor, por diversas vezes, foi manifestada. Assim sendo, o profeta aparecia perante o povo como alguém que já se apresentara diante de Deus, assim como acontecia com Moisés. Falavam movidos pelo Espírito Santo (1Pd 1.21), jamais produzindo mensagens de suas próprias mentes, o que não anulava a individualidade e personalidade do profeta (1Co 14.32). Todo aquele que, nos dias de hoje, fala a Palavra do Senhor em seu nome, a Palavra do Senhor, é um profeta de Deus para os dias de hoje.

3. Evangelistas - Esta é uma expressão que deriva da palavra evangelho. É aquele que proclama as boas novas da redenção para os perdidos. Termo aplicado a Filipe (At 21.8) e a Timóteo, como uma exortação: "... fazei o trabalho de um evangelista..." (2Tm 4.5). Todo cristão é uma testemunha de Cristo e precisa compartilhar a sua fé com os que ainda não se decidiram por Deus, conduzindo-os aos pés do salvador sempre que se apresente uma oportunidade. Porém, apesar disso, aquele que foi chamado por Deus para o ministério de um evangelista tem uma habilidade especial, dada por Deus, para conduzir as pessoas a Cristo (At 8.5-6). Em resumo, temos: o evangelista foi chamado e capacitado por Deus para trabalhar com os não crentes, ganhá-los para Jesus Cristo, trazê-los para a igreja para serem discipulados.

4. Pastores-Mestres - Pastor cuida de ovelhas. Ele aconselha, exorta, visita, ajuda nos problemas, tudo isso em um âmbito sentimental e pessoal, relacionando suas vidas com Deus e em seus retos caminhos. O referencial é Jesus, o pastor dos pastores. Já a função do mestre é a de mais fácil compreensão. Este conhece as Escrituras e tem o dom de Deus para ensiná-las de maneira perfeita e clara. Mas, por que este, o quinto dos ministérios relacionados no texto está acoplado um ao outro - Pastores e mestres? Fica claro que nenhum pastor pode ser autêntico, se não estiver apto a ensinar (1Tm 3. 2,11). Este ofício ministerial foi fundamental desde o princípio da igreja na terra e ainda o é, pois sem os cuidados dos pastores e o conhecimento da Palavra, a igreja fatalmente perecerá, submergindo em meio à vasta gama de informações e ciências que contradizem a vontade do Pai.

III - NA BUSCA DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL - (VV 14-16)

Vimos até aqui o cuidado de Deus em suprir todas as condições para que o crente avance em busca do crescimento espiritual, ficando, assim, implícito, que o que falta é a inclinação de cada um em fazê-lo.

1. Maturidade (Não são meninos) - A maturidade espiritual é o alvo do cristão na busca do crescimento. Paulo disse que esse crescimento espiritual é um processo contínuo (Fp 3.12-14). Nem mesmo o apóstolo Paulo tinha alcançado o alvo final, mas ele constantemente seguia adiante rumo ao prêmio (1Co 13.11). Os pais naturais alegram-se com o desenvolvimento dos filhos, quanto mais o Senhor ao ver seus servos maduros! A criança preenche seu tempo com brincadeiras próprias da infância. Ao atingir a maturidade, passa a preencher seu tempo com coisas destinadas à sua subsistência e melhorias para sua vida. A maturidade cristã tem seu foco na eternidade.

2. Na edificação em amor - Desde o começo da igreja, o grande plano de Deus era a sua edificação. Já aprendemos que a abundância dos dons não tem valor sem a dádiva do amor. Edificar é construir. As Escrituras dizem que somos um edifício construído a partir de pedras vivas (1Pd 2.5) e é Ele quem nos une uns aos outros, através do Espírito Santo (Rm 5.5). Assim, compreendemos que, ao cumprir o grande mandamento de amar-nos uns aos outros, estamos sendo edificados.

CONCLUSÃO: Qual é sua estatura espiritual? Tudo que tem vida cresce, ou pelo menos é o que deveria acontecer. A estatura de varão perfeito é alcançada pela compreensão e prática da palavra de Deus, manifesta em transformação de vida. Através da ação do Espírito Santo compreendemos essas verdades, pois o mesmo Espírito dá vida, aplica a Palavra e transforma nossas vidas.

Lição 12 - CONSERVANDO A UNIDADE **João 17.11-24**

INTRODUÇÃO: Nesta profunda, comovente e reveladora oração, Jesus, pouco antes da sua morte, suplica ao Pai para que guarde os Seus e os mantenham unidos, a exemplo da unidade do Pai com o Filho, como única forma segura de garantir o sucesso da Sua missão nesta terra. A origem divina e a possibilidade de vida eterna seriam mediante a revelação do Filho em conjunto com a Sua Igreja, que é o Seu corpo. Por sua vez, a unidade dos cristãos só é possível do modo como veremos a seguir:

I - POR MEIO DOS MÉRITOS DE JESUS CRISTO

2 Coríntios 3.5 diz: "não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus", confirmando assim que foi a obra da Sua graça que nos tornou "participantes da natureza divina" (2Pe 1.3,4). Como veremos, Cristo voluntariamente santificou-se, ou seja, consagrou-se inteiramente ao Pai e, pelo sacrifício de si mesmo, santificou-nos, purificou-nos, intercedeu por nós e manifestou a sua glória. Por estas quatro atitudes de renúncia, tornou o Seu povo capaz de entender e manifestar a grandeza da unidade:

1. Pela santificação no Seu sacrifício (v 19a) - Jesus solenemente se dedicou ao cumprimento da vontade de Deus que, a esta altura, implicava no seu martírio. A sua morte na cruz não apenas nos salva, como consagra-nos ao serviço de Deus (Nota Bíblica NVI). A unidade tornou-se possível a nós porque, na vontade dele, temos sido santificados (Hb 10.10).

2. Pela santificação na verdade (v 19b) - "... para que também eles sejam santificados na verdade". Sabemos que a verdade é a Palavra (v 17). Cristo purifica-nos por meio da lavagem da regeneração, pela Palavra de Deus. Isso isenta-nos das divisões, da amargura e do ódio no seio da Igreja (Ef 5.26,27).

3. Pela Sua intercessão - (v 9) - "Eu rogo por eles... aqueles que me deste". As práticas cristãs envolvem as tarefas ligadas ao corpo de Cristo como a libertação diária do poder do maligno. É por isso que a igreja tem sido atuante e permanece de pé. A essência da oração intercessora de Jesus Cristo é a unidade dos cristãos: "... Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós" (v 11).

4. Pela revelação da Sua glória - "E eu dei-lhes a glória que a mim me deste..." (v 22). Podemos ver que Cristo tem a mesma glória que a do Pai e que, graciosamente, compartilha conosco para que, pelo conhecimento do Pai (Jo 1.18), entendamos o que é ser plenamente unidos. A manifestação da glória de Deus é o mesmo que a revelação do Seu caráter e da Sua presença.

II - POR MEIO DE UM MODELO CELESTIAL

"... embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos" (2Co 10.3 - NVI). Jesus deixou claro que deseja uma unidade perfeita entre os cristãos, logo deve ser buscada do céu. As coisas celestiais só podem ser encontradas ali. Não existe unidade fomentada pela força e sabedoria humana. Jesus deixa claro que quer uma unidade perfeita na terra, de acordo com o modelo do céu, entre Ele e o Pai.

1. Implica em conhecimento contínuo - Jesus disse: "Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu te conheci (...) eu lhes fiz conhecer o teu nome e lho farei conhecer mais" (vs. 25,26). Fica claro que a origem deste conhecimento pleno está entre o Filho e o Pai, a qual estende até nós de modo contínuo. A verdadeira unidade apoia-se na confiança que temos naquele que passamos a conhecer e, também, no amor que Ele nos deu: "... para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja".

2. Implica em obediência contínua - "Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra" (v 6). A aplicação diária da Palavra de Deus produzirá um efeito purificador em nossa mente e coração, fortalecendo-nos progressivamente contra a discórdia, as queixas facciosas, consolando-nos para que, também, possamos consolar os desanimados (Jd 22,23).

3. Implica em doação recíproca. "E todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e nisso sou glorificado" (v 10). Aqui temos o sublime segredo do amor perfeito entre o Pai e o Filho. O amor fala de entrega "Deus amou de tal maneira que deu..." (Jo 3.16). Devemos, igualmente, cuidar uns dos outros (Veja a lição doze). Tal cuidado virá por meio de compartilhamento de necessidades (Rm 12.13). Doe o teu tempo, atenção, palavra amiga, paciência, perdão, motivação, posses. Enalteça o teu irmão, dê-lhe honra, não concorra com ele (Rm 15.1).

III - POR MEIO DE UM TESTEMUNHO EFICAZ

A motivação da Igreja em lutar pela preservação da unidade do Espírito deve ser de procedência sobrenatural, divina. Seguir juntos por um só propósito torna-se indispensável para a promoção da glória do Salvador Jesus Cristo e para que o mundo saiba que o Pai O enviou e, também, para que o mundo conheça o amor de Deus.

1. Que glorifica a Jesus Cristo - É tarefa do Espírito Santo Consolador glorificar a Jesus Cristo, usando-nos e guiando-nos em toda verdade (Jo 16.13,14). No entanto, compete-nos guardar a Sua Palavra em unidade (Ef 4.3), apresentando boas obras perante os homens, para que vendo-as, glorifiquem ao Pai que está no céu (Mt 5.16).

2. Que convence o mundo da missão de Jesus Cristo - "para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (v 21). Quão importante é a nossa unidade. Por ela o amor de Cristo é manifestado, convencendo os incrédulos de quem Ele é e de Sua obra consumada. Pelo poder do Espírito Santo, que testificará acerca de Cristo, nós também testificaremos (Jo 15.26,27). "E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio".

3. Que revela o amor de Deus pelos seus e por Jesus Cristo - "Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim" (v 23). O mundo não conhece a Deus e nem a Jesus Cristo, por isso, permanece sem esperança e vive sem Deus. Pela nossa maneira única de agir, conhecerá que de fato, o Pai nos ama com o mesmo amor que ama o Seu Filho, por meio do qual nos fez agradáveis a Si (Ef 1.6).

4. Que confirma a missão dos discípulos de Jesus Cristo - "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (v 18). Deus ordena para que andemos "... como é digno da vocação com que fostes chamados" (Ef 4.1b). Estando sempre preparados para responder às indagações que o mundo fará quando observarem em nós algo diferente, como a unidade e o amor fraternal, coisas estas que o mundo não tem.

CONCLUSÃO: Pudemos ter uma noção da importância da aliança do amor entre o Pai e o Filho, bem como sua plena extensão para conosco como meio de conhecer o que Deus nos reparou. Conservando a unidade, edificaremos o Corpo de Cristo e o mundo saberá mais sobre Deus e o Seu amor.

Lição 13 – RECAPITULAÇÃO Romanos 12.12-21

INTRODUÇÃO: O objetivo desta recapitulação é lembrar os ensinamentos mais importantes do trimestre, levando-nos a uma melhor fixação da matéria para que ocorra uma aplicação mais eficiente em nossa vida diária:

I- PROCURANDO SUSTENTABILIDADE (Hebreus 1.1,2; 2 Pedro 1.16-21)

Antigamente Deus falou muitas vezes, de muitas maneiras, mas hoje fala pelo Filho, portanto não temos muitas mensagens e nem muitas formas de ir a Deus. Se todos os cristãos seguissem esta norma, haveria unidade em todos os empreendimentos. Deus fala por meio de Jesus Cristo, portanto: "escutai-o" (Mt 17.5). Outro fator importante na unidade da igreja está na interpretação das Escrituras. A Bíblia não pode ser interpretada para satisfazer nossos desejos egoístas.

II - ANDANDO SEGUNDO O ESPÍRITO SANTO (Gálatas 5.16-26)

A diferença daqueles que são de Cristo e crucificaram suas paixões e concupiscências em Seu sacrifício é um viver cheio do Espírito Santo, em plena comunhão com Deus, vivendo com alegria, paz e santidade, que são evidências reais de ter-se alcançado maturidade cristã: "Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna" (Rm 6.22).

III - VIVENDO EM UNIÃO - (Salmos 133)

Com intuito de ressaltar o valor da vida em união, o salmista a compara com o óleo precioso da unção. O óleo referido é símbolo de santidade, a vida em união não é diferente. O viver em união está tão vinculado à santificação que o escritor aos Hebreus declara: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). Por esta razão, se queremos que o Reino de Cristo seja manifesto em nosso meio, é indispensável que vivamos em união.

IV - PROMOVEDO A IGUALDADE - (Atos 4.32-37)

O principal mandamento, deixado por Jesus foi: "amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, (...) e ao teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10.27). A Igreja deve viver este mandamento. Com uma história em comum, os discípulos não se separaram após a ascensão de Jesus, pelo contrário, tornaram-se cada vez mais íntimos e foram capazes de doar suas vidas pela causa do Evangelho. Os seus encontros com os fiéis foram marcados por demonstrações de amor e solidariedade quando, os que possuíam bens, abençoavam os irmãos mais necessitados (At 2.45-47).

V - CULTIVANDO A IMPARCIALIDADE - (Tiago 2.1-13)

Parcialidade é a maneira injusta de julgar as pessoas; é mostrar favoritismo em decorrência de algo que outrem possua, quer seja status, poder, dinheiro, tudo aquilo que seja perceptível aos olhares do povo. O texto narra sobre uma pessoa entrando no templo com anel de ouro e vestes preciosas, ao contrário de outra com vestes sórdidas (andrajoso, imundo). Esse contraste de acessórios externos engana a muitos que apenas olham as aparências.

VI - RELACIONANDO COM HUMILDADE - (Filipenses 2.1-8)

Paulo é testemunho vivo da transformação causada no coração pelo amor de Deus. Antes fariseu, cidadão romano, Paulo tinha como características a ira e a soberba. Foi um dos que aprovou a execução de Estevão, demonstrando que compaixão e amor não eram características do seu caráter (At 8.1). Após a sua conversão, no entanto, esse mesmo Paulo se coloca humildemente a serviço do evangelho, e passa não somente a desfrutar da comunhão entre os irmãos, mas a encorajar outros irmãos a se colocarem humildemente na presença do Senhor, a serviço do Evangelho e do próximo. Essa é a vontade de Deus (Mq 6.8).

VII - LIBERANDO O PERDÃO - (Mateus 18.23-35)

Quando Deus nos perdoa Ele o faz movido pelo seu amor. Da mesma forma devemos perdoar, setenta vezes sete, o nosso irmão que pecar contra nós. (Mt 18.15-22) "Mesmo se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me; tu lhe perdoarás" (Lc 17.4). O Senhor se indignou com a atitude daquele "servo *malvado*" (v. 32). Cobrou-lhe o fato de não haver perdoado o seu semelhante. "Perdoei-te toda aquela dívida... não devias tu também ter compaixão..." (v 33). Deus tem cobrado a nossa indisposição em perdoar (Mt 5.23-25; 6.14,15; 18.35; Mc 11.25).

VIII - DEMONSTRANDO ALTRUÍSMO - (1 João 3.10-18)

Se nosso irmão estiver com fome, não basta orar para que Deus mande suprimentos, se temos alimento para compartilhar. Ele com certeza, se sentirá muito mais amado, voltando pra casa abençoado e saciado, ao invés de tão somente "*abençoado*". O versículo fala de bens materiais, mas podemos ir além disso. Muitas vezes estamos cercados de pessoas carentes de atenção, precisando apenas que nos interessemos por elas, que perguntemos se está "*tudo bem*" esperando para ouvir a resposta; que compartilhemos seus problemas - os quais muitas vezes não podemos resolver, mas podemos compartilhar. Suas almas aflitas estão fragilizadas e, por escolhermos não nos interessar por elas, muitas acabam se perdendo.

IX - PRESTANDO SERVIENTIA - (João 13.1-17)

O verdadeiro serviço a Deus e ao próximo precisa estar fundamentado no amor. Como amava os seus discípulos, Jesus não via nenhuma dificuldade em servi-los. Quem não ama, pode até servir a alguém, mas este serviço será baseado em outros interesses, tais como: auferir lucros que satisfaçam o pensamento egoísta ou cumprir as exigências legalistas da religião. De qualquer forma, essas motivações jamais receberão a chancela divina. Para Deus, todo serviço prestado deve ser fruto de um amor genuíno. Muito mais que nossas ações, são as motivações do nosso coração que despertam a atenção do Senhor (Sl 139.1).

X - MANTENDO O VÍNCULO - (1 Coríntios 12.12-27)

Precisamos entender que diversidade não é sinônimo de desarmonia. No corpo físico, a diversidade é essencial para a sobrevivência, e o torna mais intrigante e belo. Não é natural que o corpo funcione em desunião, mas em cooperação. Espera-se a mesma harmonia no corpo espiritual, onde os inúmeros membros, com diferentes funções, não devem sofrer qualquer perturbação na essência da unidade e dos objetivos a que se propõem, antes devem manter-se harmonicamente vinculados uns aos outros.

XI - BUSCANDO ESTATURA ESPIRITUAL - (Efésios 4.1-16)

A maturidade espiritual é o alvo do cristão na busca do crescimento. Paulo disse que esse crescimento espiritual é um processo contínuo (Fp 3.12-14). Nem mesmo o apóstolo Paulo tinha alcançado o alvo final, mas ele constantemente seguia adiante rumo ao prêmio (1Co 13.11). Os pais naturais alegram-se com o desenvolvimento dos filhos, quanto mais o Senhor ao ver seus servos maduros! A criança preenche seu tempo com brincadeiras próprias da infância. Ao atingir a maturidade, passa a preencher seu tempo com coisas destinadas à sua subsistência e melhorias para sua vida. Com a maturidade cristã, seu foco está na eternidade.

XII - CONSERVANDO A UNIDADE - (João 17.11-24)

As práticas cristãs envolvem as tarefas ligadas ao corpo de Cristo como a libertação diária do poder do maligno. É por isso que a igreja tem sido atuante e permanece de pé. A essência da oração intercessora de Jesus Cristo é a unidade dos cristãos. Jesus deixou claro que deseja uma unidade perfeita entre os cristãos, logo deve ser buscada do céu. As coisas celestiais só podem ser encontradas ali. Não existe unidade fomentada pela força e sabedoria humana.

CONCLUSÃO

Concluindo o estudo destas lições, esperamos que todos tenham sido abençoados e que uma tomada de posição diante dos preciosos ensinamentos seja evidente na vida prática de cada servo do Senhor.